

GUSTAVO H.B. FRANCO
organização, introdução e notas

A ECONOMIA EM PESSOA
verbetes contemporâneos e
ensaios empresariais do poeta

2ª edição revista



ZAHAR

Jorge Zahar Editor

Rio de Janeiro

Copyright da organização, da introdução
e das notas © 2007, Gustavo H.B. Franco

Copyright desta edição © 2007:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800
e-mail: jze@zahar.com.br
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Capa:
Dupla Design

Pessoa, Fernando, 1888-1935.
P475 A economia em Pessoa: verbetes contemporâneos e ensaios
empresarias do poeta / organização, introdução e notas, Gustavo
H. B. Franco. — 2.ed. rev. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,
2007.

Bibliografia
ISBN 978-85-7110-996-4

1. Economia. I. Franco, Gustavo H. B. (Gustavo Henrique
Barroso), 1956-. II. Título.

CDD 330

SUMÁRIO

- Apresentação por Alberto da Costa e Silva* ▪ 7
Prefácio à segunda edição ▪ 9

PARTE I ▪ INTRODUÇÃO

- A administração dos heterônimos ▪ 13
Verbetes contemporâneos ▪ 25
Notas ▪ 35

PARTE II ▪ ENSAIOS EMPRESARIAIS

- 1. PRIVATIZAÇÃO** ▪ 41
Estatização, monopólio, liberdade
- 2. GLOBALIZAÇÃO** ▪ 53
A evolução do comércio
- 3. DESREGULAMENTAÇÃO** ▪ 65
Contra as algemas no comércio
- 4. MARKETING** ▪ 77
A essência do comércio
- 5. CLUSTERS** ▪ 85
Projetos de concentração industrial

6. PÓS-FORDISMO ▪ 99

Organizar

7. GOVERNANÇA CORPORATIVA ▪ 105

Quando a lei estimula a corrupção

8. BRANDING ▪ 111

Os preceitos práticos de Henry Ford

Apêndice: Regras de vida (os preceitos práticos de Fernando Pessoa)

9. QWERTY ▪ 121

A reforma do calendário e suas conseqüências comerciais

10. E-MAIL ▪ 129

O arquivo de correspondência

11. BLOG ▪ 141

Conceitos e preconceitos

12. ENTREVISTA ▪ 153

Fernando Pessoa declara-se contra a estatização
por João Alves das Neves

Notas ▪ 165

Créditos de publicação ▪ 167

Bibliografia ▪ 169

Agradecimentos ▪ 173

Verbetes contemporâneos

Pelo que já foi dito, pouco tem de accidental o interesse de Pessoa por economia em 1926, quando se associa a seu cunhado Francisco Caetano Dias na empreitada de editar e escrever uma revista dedicada ao comércio e à contabilidade. Gaspar Simões mal se refere a essa distração de Pessoa; era uma época em que “tudo o dispersava, tudo o entretinha, tudo era pretexto para se deixar ficar ali sentado, ouvindo, bebendo, fumando, conversando, sem nada fazer de sólido: com sua obra em fragmentos à espera de uma mão poderosa para consolidar”.⁴⁴ Mesmo Alfredo Margarido observa que “parece existir uma espécie de contradição entre o percurso poético e o interesse consagrado, seja ao comércio, seja à teoria econômica”.⁴⁵ Porém, à luz de suas amplas e variadas atividades empresariais, nada há o que estranhar. Pessoa já tivera uma experiência malsucedida com a Tipografia Íbis, como conta Mega Ferreira: “Entre 1909 e 1912, Fernando Pessoa passara de herdeiro desafogado a poeta endividado.”⁴⁶ Mas em vez de abater-se, Pessoa prossegue com outras empreitadas, seja envolvendo-se com os aspectos econômicos das publicações vanguardistas em que contribuiu como autor (*Orpheu* e *O Portugal futurista*), seja em intensa atividade como corretor de concessões de mineração em Portugal e nas colônias.

Em 1921, inicia o ambicioso projeto da *Olisipo* que compreendia, de início, apenas uma editora, mas cuja ambição ia bem além, tal como minuciosamente relacionadas no projeto de constituição da *Cosmópolis*, que listava, em seu objeto social, exatas 88 atividades divididas em quatro grupos: informação comercial, idéias editoriais e literárias, prestação de serviços de “consultadoria” e organização da própria empresa.⁴⁷ *Olisipo* não prosperou, mas, como informa Mega Ferreira:

Não há números, nem balanços, nem sequer lamentações posteriores que nos dêem a medida do que, presumivelmente, terá sido mais um desastre financeiro na vida de Pessoa. Aliás, não parece que o Poeta tenha sido homem de desânimos. ...Como já antes acontecera, Pessoa renascia de cada insucesso com a sua determinação empresarial intacta.⁴⁸

Em 1926, Pessoa estava no auge de seus interesses empresariais, “anos de brasa” como diz Mega Ferreira,⁴⁹ mas também uma época em que as dificuldades financeiras oriundas do fracasso da Olisipo, sua saúde frágil, em boa medida decorrente dos abusos do álcool e do tabaco, o levaram “a empregar seus talentos e aptidões comerciais de maneira a obter uns dinheiros com que pudesse encarar confiadamente os anos que lhe restavam de vida”.⁵⁰ A necessidade parece assinalar o auge de sua atividade como publicitário, inventor, corretor de minas; é quando começa a editar a *Revista de comércio e contabilidade*. Caetano Dias, o cunhado, era o profissional, o especialista reconhecido em questões contábeis, e Pessoa o amador, conforme descreve Bréchon:

Isso dá-lhe uma liberdade de atitudes de que o cunhado é incapaz, pois não tem nada de fantasista. Ainda quando finge tratar de forma rebarbativa questões entediantes, Pessoa denuncia-lhe a originalidade fundamental por meio de ditos espirituosos ou de efeitos estilísticos. Comparemos-lhe os escritos sobre comércio com os de Mallarmé sobre moda: ambos têm o dom de zombar imperturbavelmente do mundo.⁵¹

Sim, há audácia na empreitada, quando vista do ângulo do percurso literário de Pessoa, mas não zombaria ou amadorismo. O leitor facilmente verá que a desenvoltura com que o poeta navega em vários temas no domínio da economia e administração, e em razão do já exposto verá que esta familiaridade com esses temas nada tem de accidental.

A revista, mensal, teve apenas seis números publicados. A redação ficava na rua Coelho da Rocha, 16, 1º andar, residência do próprio poeta, e os textos aí publicados aparecem assinados por Pessoa *ele mesmo*, o que, como sabemos, nada tem de trivial.

Nessa revista foram coletados quase todos os artigos reproduzidos a seguir – exceção para o artigo do capítulo 4, sobre concentração industrial, de 1922,⁵² sendo que os vários pequenos textos, inserções e aforismos que saíram nos seis números da *Revista de comércio e contabilidade* foram reunidos no último capítulo, perfazendo 11 artigos no total.

Esse conjunto de textos foi republicado diversas vezes em Portugal, em variados formatos,⁵³ sendo que no Brasil merece especial destaque a edição

organizada em 1992 por João Alves das Neves.⁵⁴ Neves, pessoano com várias obras publicadas a respeito do poeta; jornalista experiente – por muitos anos editorialista de *O Estado de S. Paulo* –, e professor da Escola Superior de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero, já havia publicado uma extraordinária “entrevista” com o poeta,⁵⁵ reproduzida com a gentil autorização de seu autor no capítulo 12, onde inventava perguntas e dava respostas verdadeiras, extraídas dos textos aqui republicados. Uma vez lançado seu livro, uma resenha escrita para o *Jornal do Brasil* pelo jornalista Carlos Franco, intitulada “Pessoa neoliberal?”, daria a senha para a atualidade, melhor dizendo, para a incrível atualidade e carga polêmica dos textos aqui reproduzidos.⁵⁶ Curiosamente, todavia, dentre os economistas não se observaria interesse no que dizia Pessoa, a despeito de sua absoluta consistência com os ventos das reformas liberais da década de 1990.

Ao leitor não escapará que a temperatura e a atualidade desse conjunto, indicação, quem sabe, da clarividência do poeta, coisa em que acreditava seriamente, é que nos motivaram não apenas a republicá-lo mais uma vez, como também a arriscar certas liberdades editoriais. A tese deste volume é a de que há ao menos um conceito ou polêmica, capturado mais resumidamente, em um verbete contemporâneo, para cada um dos 12 textos a seguir reproduzidos, verbete este que indica a polêmica ou fenômeno recente em que deve se inscrever o texto. É como se o poeta estivesse a explicar algo *que não conheceu em seu formato atual*.

Os 12 títulos são, intencionalmente, posteriores à existência do poeta, que, portanto, deles jamais poderia ter aludido especificamente, ao menos na acepção atual, própria do idioma multinacional do mundo globalizado. A exceção, talvez, seja a entrevista, único dos textos que não é propriamente do poeta, mas uma colagem, algo que assume uma identidade diferente da soma de suas partes. Formula-se, portanto, um inverossímil convite ao leitor a acreditar que é destes atualíssimos verbetes que trata cada um dos 11 textos que Pessoa escreveu na década de 1920, e mais a entrevista. E deixemos, em seguida, que o poeta faça o que mais gostava: surpreenda o leitor.

No primeiro capítulo, cujo tema é o monopólio estatal dos tabacos (conhecido como *Régie*), é fácil ver que a PRIVATIZAÇÃO é a extensão contemporânea da discussão a respeito da estatização feita por Pessoa, onde o leitor não verá ambigüidades sobre a posição do poeta. O mesmo vale no capítulo 2 para seu texto sobre a “ventilação” que o comércio traz à nação em geral e para a cultura em particular, introduzindo-se, assim, nos debates atuais sobre a GLOBALIZAÇÃO, com especial pertinência para a cultura ou para o multiculturalismo. No capítulo 3, Pessoa trata de protecionismo, leis traba-

lhistas e outros temas que cabem perfeitamente no debate contemporâneo sobre as chamadas “reformas de segunda geração”, ou sobre a DESREGULAÇÃO, até trazendo fascinante discussão sobre os efeitos da Lei Seca, com evidente parentesco com o debate contemporâneo sobre a descriminalização da maconha.

No plano mais caracteristicamente empresarial é muito interessante o texto sobre MARKETING, ou a “essência do comércio”, onde trata do que há de mais central na empresa moderna, qualquer que seja a sua natureza, o “foco no cliente”. Em seguida, no capítulo 5, no texto sobre “concentração industrial”, Pessoa propõe o que anos depois seria chamado de CLUSTER por Michael Porter, que chega a estudar os diversos CLUSTERS encontráveis em Portugal, sem nunca ter, provavelmente, ouvido falar de Fernando Pessoa, ou que o poeta se interessasse pelo assunto.

“Organizar”, tema do capítulo 6, pode parecer um texto sem tanta graça, mas vale uma provocação: uma leitura orientada à luz do debate contemporâneo a partir de Gramsci, ou da Escola da Regulação Francesa sobre o PÓS-FORDISMO. Na verdade, nos parece que quando fala a respeito dos modos de se organizar as coisas numa empresa, em modos flexíveis por meio dos quais a empresa funciona mais como organismo do que como organização, Pessoa está sendo mais fordista, ou pós-fordista para ser específico, do que quando fala especificamente de Henry Ford no capítulo 8, onde parece escrever uma peça de auto-ajuda para empresários, prática muito popular nos dias de hoje, e que enche as prateleiras das livrarias dos aeroportos.

Em seguida, no capítulo 7, o tema é GOVERNANÇA CORPORATIVA, e é suscitado pelo alerta do poeta para a inutilidade de conselhos formados por *insiders* ou por funcionários públicos na administração de empresas, advogando a auditoria independente em termos que poderiam ser encontrados nos regulamentos do “Novo Mercado” no Brasil. É revelador que Pessoa tenha tido como referência para este artigo o rumoroso caso do Banco de Angola e Metrópole, que perpetrou inacreditável falsificação de cédulas do Banco de Portugal. O fato é que os militantes do ativismo corporativo e da defesa dos direitos dos acionistas minoritários jamais poderiam imaginar que contariam com um aliado deste calibre.

No capítulo 8, os temas são BRANDING ou BRAND EQUITY, onde o Pessoa empresário trata da formação de uma identidade corporativa, ou uma marca, no modo de administrar, a partir das lições de Henry Ford. Os “preceitos práticos” são receitas flexíveis – contendo sabedoria que o poeta vai buscar até em Maquiavel – em que a empresa deve enquadrar-se para melhor tirar proveito de sua identidade. Aqui foi irresistível a adição de um apêndice,

estranho à *Revista de comércio e contabilidade*, trazendo dez “regras de vida”, não de Henry Ford, mas de Fernando Pessoa *ele mesmo*. A comparação entre os preceitos há de fascinar o leitor.

No capítulo 9, Pessoa discute a reforma do calendário, e, sem passar por considerações de natureza astronômica, se indaga sobre os motivos de um calendário tão arbitrário e repleto de irregularidades que atrapalham os cálculos do comércio, o que nos leva à discussão contemporânea sobre retornos crescentes de escala e o *lock up* de padrões (tecnológicos ou convenções de qualquer espécie) às vezes inferiores, como amiúde exemplificado pela vitória do Microsoft Windows, ou do VHS sobre o Betamax, e consagrado pela expressão QWERTY, que diz respeito ao teclado das máquinas de escrever e computadores que todos utilizamos. Por que todos nós trabalhamos com esse formato de teclado e não com algum outro mais intuitivo? Aliás, sabia o leitor dos pendores de Pessoa para os inventos? Que inventou e patenteou um anuário comercial que poderia ser lido por monoglotas em qualquer idioma? E que rascunhou ele próprio um novo e revolucionário modelo de carroto para máquinas de escrever com a intenção de facilitar a datilografia?

Não será coincidência que, onde trabalhou como empregado de escritório, Pessoa tenha dedicado especial atenção à correspondência; como algum chefe deixaria de aproveitá-lo nessa capacidade? Pois bem, suas observações a respeito da organização de arquivos de correspondência, entrada e saída, não teriam propriamente muita ciência, mesmo tratando-se de quem se trata, se o leitor não atentasse para o fato contemporâneo de que os computadores nos transformaram em pequenos escritórios individuais e que cada um de nós há de trabalhar com formas pessoais de organização de sua correspondência eletrônica. Quem não tem E-MAIL e não se pergunta diariamente como melhor administrar um volume crescente de atividade que a conectividade do mundo globalizado nos permite?

No capítulo 11 são reunidos pequenos textos, “aforismos para uso de comerciantes”, como descreve Gaspar Simões,⁵⁷ começando pelas “palavras iniciais” que inauguram o primeiro número da *Revista de comércio e contabilidade* e definem seu escopo e metodologia. Ao longo dos seis números da revista, algumas dessas pequenas inserções aparecem como pensamentos episódicos, como instantes, impulsos, desconexos entre si, mas unidos pela temática. O pessoano reconhecerá este *modus operandi* como o mesmo do *Livro do desassossego*, ou da *Educação do estóico*, mas o leitor contemporâneo menos familiarizado com a dinâmica da obra de Pessoa reconhecerá um gênero que ocupa dezenas de milhões de pessoas na Internet: o BLOG. Como

não descrever como um BLOG a obra em permanente aprimoramento e edição, a obra cumulativa e episódica, formada de inúmeras adições ao longo do tempo, sem plano, começo, meio e fim, provocada por eventos, o que não lhe subtrai em conteúdo ou em personalidade, e que se compõe de inserções de múltipla autoria, de autores em constante diálogo, escondidos sob diáfanos codinomes, apelidos, *nicks*, pseudônimos? Como não reconhecer o *Livro do desassossego* como uma espécie de BLOG *avant la lettre*? Aliás, como não deixar de pensar que o BLOG fornece uma extraordinária metáfora, ou *template*, para a proverbial arca?

Por fim, no capítulo 12 reproduzimos a “ENTREVISTA” com o poeta feita originalmente em 1975, por João Alves das Neves, jornalista experiente e também presidente do Centro de Estudos Fernando Pessoa. O leitor que não se engane: não temos aqui um exemplar de “escrita automática”, ou mediúnica, mas uma colagem, ou o *cut and paste*, de passagens dos textos dos capítulos anteriores feita pelas mãos experientes de Neves. O leitor há de notar que ENTREVISTA não é um conceito estranho à época em que viveu o poeta. Mas há de concordar que, na sociedade “em rede”, ou “midiática”, em que vivemos hoje, a ENTREVISTA faz parte do cotidiano dos autores consagrados e celebridades. A obra artística se tornou notícia, e a comunicação do autor com seu público ganhou uma dimensão certamente diversa daquela da época em que viveu Pessoa. Pode-se apenas imaginar a curiosidade e avidez da imprensa de nossos dias diante da figura heterônima e complexa de Fernando Pessoa. Aqui, todavia, a ENTREVISTA limita-se à economia, onde o grau de polêmica já não é pequeno.

■ ■ ■